

A CHAVE DO TAMANHO: A INSTAURAÇÃO DE UMA NOVA ORDEM

Ana Maria Lisboa de Mello

Os horrores da 2ª Guerra Mundial, o sofrimento de milhões de inocentes, vítimas dos interesses ocultos do Estado, motivam Monteiro Lobato a escrever uma obra infantil — **A chave do tamanho** — onde, através de Emília, ele instaura uma nova ordem. A sociedade, no mais alto estágio de decadência, não tem mais uma saída digna para os seus impasses, por isso começa a destruir-se. Num artigo para a BBC de Londres, pouco antes de sua prisão no Brasil, o escritor declara:

"A História é um caudal em perpétuo fluir ora remansoso como o rio na planura, ora atormentado como o rio em desnível. Mas em nenhuma época esse caudal entrou em terreno mais irregular e se transformou em mais desnorteante Sete-Quedas, como em nosso tempo (...) todos os 'Valores de Remanso' se destroem momentaneamente, substituídos pelos 'valores da violência'. (Lobato, 1946: 165-6)

Vítima que seria do despotismo, sem o saber, assinala mais adiante, no mesmo artigo:

"E nunca o despotismo dispôs de tantas armas como hoje; para isso saqueou os arsenais da Ciência — essa filha da Liberdade Mental que o Velho Despotismo perseguiu outrora com o cadafalso e a fogueira e o Despotismo Novo persegue hoje com os campos de concentração e o exílio." (id. *ibid.*, p. 166)

A visão universalista de Lobato se concretiza em **A chave do tamanho**. O homem brasileiro, embora não envolvido diretamente na Guerra, participa e sofre por seus irmãos. E Dona Benta responde a Narizinho que tentava consolá-la, dizendo que as bombas caíam em Londres:

"(...) A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro desse corpo, como cada dedo, cada unha, cada mão, cada

braço ou perna faz parte do nosso corpo. Uma bomba que cai numa casa de Londres. (...) me dói como se caísse aqui".*

Face à tristeza que "andava a anoitecer o Sítio do Pica-pau, outrora tão alegre e feliz" (p. 9), Emília decide acabar com a guerra. Pressupondo que deveria existir uma Casa das Chaves que regulem as coisas do mundo, Emília faz uso do superpó — última invenção do sábio Visconde — para ir desligar a chave da guerra. Entretanto, não havendo letrado indicativo da finalidade de cada chave, Emília desliga a chave do tamanho e reduz a quarenta vezes menos o tamanho das criaturas. Está instaurada uma nova civilização e, de qualquer modo, Emília termina com a guerra:

"Se todas as criaturas ficaram pequeninas como eu fiquei, então o mundo inteiro deve estar na maior atropaliação do mundo. Mas a guerra acabou! (...) Pequeninos como eu, os homens não podem mais matar-se uns aos outros, nem lidar com aquelas terríveis armas de aço." (p. 15)

Obs.: Nas citações retiradas desta edição serão indicadas apenas as páginas.

O apequenamento das criaturas decreta o fim da "humanidade clássica" que se vinha destruindo ao longo da História. O novo homem tem que se adaptar às novas condições de vida. O mal da civilização antiga fora a descoberta do fogo que permitiu aos homens sobreviver em qualquer clima, aumentar as possibilidades de alimentação e, como consequência disso, superpovoar o planeta, são as conclusões do Dr. Barnes (p. 122-3). Através do fogo, o homem obteve o ferro, com o que construiu toda a sorte de máquinas e armas mortíferas:

"(...) do fogo veio o calamitoso aumento da população humana. (...) E veio o tal ferro que foi levando a humanidade ao mais desastroso fim. Que foi a última guerra se não o desabamento em cima do homem de toda a civilização baseada no ferro, sob forma de tanques, canhões, fuzis, metralhadoras, bombas aéreas, etc?" (p. 123-4)

A redução do tamanho foi o remédio que desviou o homem do caminho errado em que se havia metido, desde a descoberta do fogo, conclui, ainda, o responsável pelos habitantes da Pail City, na nova ordem. (p. 124)

A nova condição resolve inúmeros problemas existentes na "civilização antiga". Não há mais miséria e fome. Agora há

* LOBATO, Monteiro. *A chave do tamanho*. São Paulo, Brasiliense, 1977, p. 9.

alimentos para todos; na natureza, há alimento em abundância para os seres diminutos. Não há mais desigualdade social. Estão todos nas mesmas condições: sem propriedade, sem dinheiro, sem nada da antiga civilização que privilegiava uns, em detrimento da grande maioria.

Preocupada com o destino da "nova humanidade", Emília pergunta ao Dr. Barnes se o homem tem condições de subsistir na nova ordem, ao que ele responde:

"— Perfeitamente. Não só subsistir, como até criar uma nova civilização muito mais interessante que a velha, sem os horrores da desigualdade social, da fome, das Blitzkriegs e das inúteis complicações criadas pelos inventos mecânicos." (p. 122)

A redução do tamanho tornou inócua a prepotência dos governantes, porque mesmo que permaneçam com a mesma disposição destruidora e doentia, já não têm os meios de exercer o seu domínio e decidir o destino da humanidade. Visitando Berlim, para examinar ali as consequências da redução do tamanho, o Visconde pára em frente ao palácio do governo e comenta:

"Aqui morava o ditador que levou o mundo inteiro à maior das guerras, e destruiu, cidades e mais cidades com seus aviões, (...) e matava milhares e milhares de homens com os seus canhões e as suas metralhadoras, o homem mais poderoso que jamais existiu. Tudo isso por quê? Porque tinha oito palmos e meio de altura (...) Ele, (...), permanece o mesmo, com a mesma energia mental, a mesma disposição destruidora e a mesma vontade de aço, mas não pode mais nada." (p. 109, Grifo do Autor)

Inerme diante da desgraça que assola o mundo, Monteiro Lobato tem na palavra a sua única ação contra o caos em que o ser humano se vê mergulhado. Através da fantasia, ele recria o mundo e inverte os seus valores.

Na nova ordem, com as criaturas diminuídas, os velhos conceitos têm que ser alterados. Reduzido ao tamanho dos insetos, o ser humano aguça a sua percepção sensorial e compreende melhor o mundo natural. Os pequeninos seres e sua maneira de viver dão ao novo homem valiosos ensinamentos: o modo como se alimentam, os recursos que utilizam para sobreviver, entre eles, o mimetismo — recurso eficaz na defesa contra o mais forte — e a compreensão de sua anatomia. E Emília vai interpretando os dados que a natureza lhe fornece:

"A crosta do planeta é uma pedreira sem fim. Hum! Por isso é que os bichinhos do meu tamanho usam tantos pés. (...) Agora compreendo o motivo — é que só com dois pés não poderiam caminhar pelas infinitas pedreiras do mundo." (p. 15. Grifo do Autor)

O princípio da relatividade das coisas é experimentado e compreendido em toda a sua extensão: o jardim toma a dimensão de uma floresta; o mede-palmo surge como um monstro; os pássaros adquirem proporções gigantescas e podem devorar o homem; qualquer ventinho passa a ser, agora, um perigo para o ser bipede. Os bichinhos, no entanto, já estão adaptados às condições do seu tamanho. A lei natural é perfeita. Os pequeninos bichos, além de possuírem seis pés para caminhar "pelas pedreiras do mundo", "são todos horizontais", fator que lhes permite defender-se contra o vento. Cada bichinho tem seus recursos de defesa para enfrentar adversários; o instinto de sobrevivência obriga-o a evoluir porque, do contrário, desaparece do meio natural, como ocorreu a muitas espécies:

"O tatuzinho inventou aquela defesa de virar bola e fingir-se morto. Os gafanhotos inventaram um verde que os confunde com a grama. As aranhas inventaram a teia para caçar as moscas e os ferrões e o veneno para se defenderem." (p. 26)

É a experiência da perda do tamanho que permite ao ser humano a compreensão da essência dos pequeninos seres e as suas relações com o seu "habitat". Despojado dos interesses imediatistas que a vida cotidiana impõe, o novo homem se vê envolvido nas revelações que o sábio mundo natural lhe faz, através de suas inúmeras formas de vida:

"Quantas vidinhas na sombra daquela mata, sobretudo sob forma de vermes. (...) E mede-palmo cor de esmeralda, translúcidos, gulosamente devorando folhas ou tecendo casulos. E caramujos, e tatuzinhos. E uma infinidade de formas de vida que só os sábios sabem." (p. 27)

Monteiro Lobato, lançando o leitor na perspectiva da perda do tamanho, leva-o a observar a realidade sob uma nova ótica, da qual só pode tirar uma conclusão: **o ser humano é apenas mais uma forma de vida**, dentre as inúmeras que existem. A "grandiosidade" do homem se apequena diante desta verdade maior. No prefácio à obra "Nós e Universo", de Urbano Pereira, Lobato revela a sua visão cósmica:

"O nosso mundo sensorial é um aspecto particular de um universo muito mais complexo e muito mais amplo. Uma vida humana representa uma parcela extremamente pequena dentro da imensidade do Todo; pequena no espaço, entre os dois infinitos

dos astros e dos átomos; pequena no tempo — instante fugaz dentro da eternidade; pequena na capacidade de ação e de conhecimento, presa ao mundo fenomênico da matéria e da energia. Não conseguimos apreender inteiramente nem mesmo essa parte limitadíssima do Todo na qual estamos imersos." (Lobato, 1946: p. 94)

O aperfeiçoamento intelectual do homem da "antiga civilização" vinha-lhe sufocando a natureza, artificializando-o. Nesse sentido, os animais, levados pelo instinto, conduziam-se com mais sabedoria.

A sociedade competitiva capitalista forjava o homem competitivo e, vice-versa, para sobreviver no meio, o homem estendia este impulso de competição às mais diversas áreas de sua atuação no mundo.

Na nova ordem, o homem se vê, de súbito, despojado dos valores habituais a que foi condicionado e perde a noção de como se conduzir no meio. Embora na nova condição, volta-se para as velhas idéias, como o dinheiro, a posição, o poder. As diferenças sociais desapareceram; estão todos na mesma condição, na ordem natural:

"Aquele homem era o Major Apolinário da Silva, prefeito da cidade, cidadão muito importante. Estava agora transformado em insetinho descascado e mudo." (p. 35. O grifo é meu)

Evidentemente, aos adultos custa muito aceitar a idéia de se verem, assim, privados de seus meios de atuação e domínio no mundo. E necessitam aprender a longa e difícil lição do desapego. O coronel Teodorico, por exemplo, não se conforma em viver sem o dinheiro. Ao saber da morte do Major Apolinário, a primeira coisa que lhe ocorre é a dívida que este tinha com ele. O seu desaparecimento não importa, mesmo porque eram divergentes nas concepções políticas. Na velha ordem, não só a posição social separava os homens em agrupamentos distintos, como as idéias divergentes formavam grupos antagônicos. Eram tão sectários que nunca chegariam a sínteses. Cada um possuía a sua verdade absoluta.

O Coronel Teodorico não se conforma com o desaparecimento do dinheiro:

"— Mas como poderemos viver sem dinheiro? — disse ele. — Enquanto houver homens no mundo, haverá dinheiro." (p. 83)

Emília tenta demonstrar que agora a realidade é outra:

"Emília teve dó daquela burrice. Mostrou que o dinheiro era uma das conseqüências do tamanho, como tudo mais que os

homens chamavam civilização. Desaparecendo o tamanho, desaparecia o dinheiro e toda a velha civilização. (p. 83. Grifo do Autor)

O Governo americano, ainda não habituado à Ordem Nova, tenta comprar "em dólares" os serviços do agora "gigante" Visconde, ao que Emilia responde:

"— De que servem dólares, Senhor Ministro? Tudo está mudado." (p. 134)

Como o dinheiro, os velhos preconceitos morais não têm a mesma dimensão na Ordem Nova. A noção de vergonha do corpo perde a sua relevância, quando o ser humano assume a vida natural. As crianças são as primeiras a assumir com naturalidade a situação, porque ainda não cristalizaram todas as camadas de condicionamentos que lhe vinham depositando:

"Que coisa curiosa! — exclamou (Emilia), enquanto se esfregava. Estou nua e não sinto a menor vergonha. Será que isso de vergonha depende do tamanho das criaturas? Deve ser, porque entre os homens a vergonha era só para os adultos. As crianças novas não mostravam vergonha nenhuma, nem ninguém se ofendia de vê-las nuas. Aprendi mais essa: vergonha é coisa que depende do tamanho." (p. 32-3. Grifo do Autor)

Para as crianças, a necessidade da roupa surge apenas como proteção ao frio e defesa contra possíveis ataques de insetos ou pássaros:

"O Candoca principiou a choramingar de frio (...) tinha de descobrir qualquer coisa com que vestir-se e vestir os órfãos.

(...) Se ela encontrasse um pouco de algodão estariam resolvidos dois grandes problemas: o do vestuário e o da defesa. (p. 42)

Mas nos adultos, os velhos preconceitos surgem à medida em que se vão situando no novo contexto:

"Não sei que fim levou a minha roupa. Houve um 'desabamento de panos' em cima de mim, e quando me librei daquilo estava em peço. Haverá coisa mais sem propósito? Se aparece uma senhora por aqui, como é?" (p. 85). (O grifo é meu.)

A nudez em *A chave do tamanho*, mais do que a denúncia restrita dos preconceitos sociais condicionantes do comportamento, simboliza a necessidade mais abrangente que o ser humano tem de se libertar das "camadas de antinaturalismo" que a sociedade, há milênios, vem-lhe depositando e impe-

dindo o seu aperfeiçoamento. Neste sentido, Monteiro Lobato encontrou em Nietzsche o desenvolvimento das idéias que já germinavam em sua mente. E escreve a Godofredo Rangel:

"Nietzsche me desenvolveu um velho feto de idéia. (...) O aperfeiçoamento intelectual que, na aparência, é um fenômeno de agregação consciente, é no fundo o contrário disso: é desagregação inconsciente. Um homem aperfeiçoa-se descascando-se das milenárias gafeiras que a tradição lhe foi acumulando n'alma. O homem aperfeiçoado é um homem descascado, ou que se despe. (...) Desagregação 'inconsciente', eu disse, porque é inconscientemente que vamos (...) colhendo as coisas novas — idéias e sensações — que o estudo ou a observação nos deparam. Essas observações caindo-nos n'alma, lavam-na, raspam — na das camadas de preconceitos e absurdos que a envolvem — camada de antinaturalismo, enfim." (Lobato, 1964, v. II t. 1: 56-7). (O grifo é do Autor)

Na "nova civilização" antigos ideais se reacendem. Os homens voltam a uma vida mais natural, solidários em uma causa única, que é o bem comum. A Pail City é um verdadeiro núcleo da nova civilização que se ia formando:

"A vida em Pail City era um encanto. Ninguém tinha pressa de nada, iam construindo coisas por prazer e não por necessidade, como no tempo Tamahudo, em que os homens não morriam no trabalho morriam de fome e miséria. Aquele jardim imenso dava-lhes de graça tudo quanto era necessário à vida: ar, água, alimento e materiais de construção." (p. 128)

Assim, a inauguração da Nova Ordem em *A chave do tamanho* propõe ao homem um outro posicionamento frente à realidade, induzindo os leitores a, no mínimo, repensá-la. O leitor de Monteiro Lobato sente vivamente essa proposta do escritor quando se dá conta de que, sob determinados prismas, nunca tinha olhado a realidade. Os porquês são constantes e obrigam-no a pensar. O automatismo não tem lugar nas histórias de Lobato, onde a linguagem é reentendida e recriada.

Desse modo, se a obra infantil do escritor põe em evidência os problemas que afligem a realidade nacional e o mundo, o que subjaz, de mais profundo e universal, é a necessidade de uma nova postura do homem frente à sociedade, que vai da simples indagação à análise, à crítica, até à alteração do "status quo", como em *A chave do tamanho*, antes que o ser humano se destrua completamente. No universo ficcional de Lobato, Emilia é o protótipo do ser humano não-condicionado, em que a criatividade, virtual em todo ser humano, encontra a sua expressão concreta.

A fé de Lobato na criança repousa na constatação de que ela não foi totalmente deformada pelo meio e, por isso, ainda conserva o crédito nas mudanças. Como a sociedade coercitiva vai lentamente deformando sua natureza íntima, é a ela que é preciso alertar. Nesse sentido, o escritor responde às críticas que lhe fizeram com relação à obra **Geografia de dona Benta**, declarando:

"Este livro de Dona Benta vem sendo criticado justamente pelo que a meu ver constitui o seu único mérito: dizer às crianças, que serão os homens de amanhã, a verdade inteira. Habitamos de tal modo ao regime de mentira convencional que a verdade nos dói e causa indignação ao 'patriota'. Patriota é o sujeito que mente, o que falsifica os fatos, o que esconde as mazelas, o que transmite às crianças a sórdida porcaria que recebeu de trás (...)

Ora, inoculada de todas essas falsidades, a criança de hoje passará a adulto convencida de que tudo corre pelo melhor, no melhor dos mundos possíveis — e a nossa miséria e o nosso descalabro irão se perpetuando e se agravando". (Lobato, 1946: 247)

Eis a tarefa do escritor: levar a criança a repensar o mundo. A realidade precisa ser analisada criticamente e, em muitos aspectos, transformada. E como levar esta realidade à criança, senão pela eleição da verdade como valor primeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre. In: **Obras completas de Monteiro Lobato**, São Paulo, Brasiliense, 1964. v. 11. t. 1; v. 12 t. 2.
- A chave do tamanho. São Paulo, Brasiliense, 1977.
- Prefácios e Entrevistas. In: **Obras completas de Monteiro Lobato**, São Paulo, 1946.